

A ameaça do desemprego

Sandra Manfrini
Da equipe do **Correio**

A taxa de desemprego no Distrito Federal tende a aumentar nos próximos meses devido à crise de energia elétrica, a alta do dólar e a crise argentina. Apesar de os números divulgados ontem pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio Econômicos (Dieese) mostrarem uma estabilidade nos níveis de desemprego até maio, a expectativa é de que os efeitos da crise comecem a ser sentidos agora, com reflexo mais forte sobre o comércio, que, no Distrito Federal, é o terceiro setor que mais emprega: 14,75% da População Economicamente Ativa (PEA). O setor perde apenas para o de serviços (que inclui servidor público) e para a administração pública direta.

A pesquisa do Dieese indica que a taxa de desemprego em maio ficou em 20,6% contra os 20,7% registrados em abril, o que resultou em 187,8 mil pessoas sem emprego. No mesmo período, houve a abertura de 9,2 mil postos de trabalho. Essas vagas acabaram sendo preenchidas pelo crescimento, na mesma proporção, do número de pessoas no mercado de trabalho (taxa de ocupação). Enquanto os diversos setores de atividade econômica — como indústria da transformação, construção civil, serviços e administração pública — criaram novos empregos, o comércio foi o único que andou na direção oposta. Fechou 600 vagas.

A expectativa do Dieese é de que, a partir dos indicadores de julho, a Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED) comece a refletir os efeitos do racionamento de energia elétrica e da crise econômica. "O comércio, sazonalmente, começa a alavancar em junho, julho. Mas, pode haver um arrefecimento por conta do racionamento, alta dos juros e queda no consumo de alguns produtos", avalia o economista Juscelino Umbilino de Souza, da Secretaria de Trabalho do Distrito Federal, que participou da divulgação da pesquisa.

A Federação do Comércio do Distrito Federal (Fecomércio) já divulgou números referentes a junho, que mostram uma elevação de 1,07% no índice de desemprego do setor. O presidente da entidade, Adelmir Santana, alerta para o fato de o mês de junho ainda não refletir inteiramente os efeitos da crise argentina, da alta do dólar e do racionamento de energia.

"Em julho, o impacto será maior", prevê Santana. Segundo ele, todos os indicadores hoje apontam para uma economia cada vez maior do consumidor, o que vem provocando queda nos índices de venda. "Os indicativos assustam a gente", desabafa Santana, que vê outro agravante na possibilidade de o governo ter que novamente elevar a taxa de juros na reunião do Comitê de



PESSOAS EM BUSCA DE EMPREGO NA GALERIA DO TRABALHADOR, NO CENTRO DE BRASÍLIA: FILAS CADA VEZ MAIORES

OS ÍNDICES NO DISTRITO FEDERAL

A taxa de desemprego passou da faixa de 17% em outubro para 18% em novembro de 2000. Em fevereiro deste ano atingiu 19%. Agora situa-se na casa dos 20%. A tendência é de alta



Política Monetária (Copom) que se encerra hoje. "Estavam tão boas as perspectivas para este ano, mas com a crise energética e argentina, tudo se reverteu. Estamos preocupados. Não temos nenhum cenário que seja favorável", lamenta Santana.

SEM CONTRATAÇÕES

O Sindicato dos Comerciantes já está registrando os primeiros sinais de queda no nível de emprego do setor. O vice-presidente da entidade, Júlio Ferreira de Ázara, informou que o número de demissões registradas pelo sindicato passou de uma média mensal de 300, em maio, para 350 em junho. "Em julho, a previsão é de aumento do número de desempregados e novas contratações não estão ocorrendo", diz Ázara.

Ainda de acordo com a pesquisa do Dieese, as demissões atingem em maior proporção as mulheres. Em maio, para cada 100 mulheres, 23,7 foram dispensadas, enquanto que para cada 100 homens, 17,6 foram demitidos. Outro aspecto do perfil do desempregado no Distrito Federal diz respeito à idade. A maior parte (76,8 mil desempregados) tem entre 18 e 24 anos. É o caso de Ademir de Jesus Martins, 20 anos, que trabalhava no comércio há dois anos

e foi demitido porque a empresa fechou devido ao movimento fraco. Esse era o primeiro emprego de Martins com carteira assinada e lhe rendia cerca de R\$ 600 mensais que, agora, segundo ele, vão fazer falta.

Welligson Rodrigues Pereira, 17 anos, que também tinha pela primeira vez um trabalho formal, perdeu o emprego de balconista. Motivo alegado pela empresa: contenção de gastos devido à queda nas vendas. Pereira ficou empregado por um ano e três meses e ganhava R\$ 283 por mês.

No setor de alimentos, o sentimento também é de apreensão. O presidente do Sindicato da Indústria Alimentícia do DF, Jaime Alarcão, lembra que a produção do setor depende do forno elétrico. Segundo ele, com a chegada das primeiras contas de luz, será feita uma avaliação do percentual da indústria que conseguiu cumprir a meta. Até agora, de acordo com Alarcão, ainda não houve aumento expressivo de demissões na indústria alimentícia por conta do racionamento, mas com a possibilidade de punição pelo não cumprimento das metas, poderá haver dispensa de funcionários. "Os efeitos no segmento serão críticos. Se não houver uma solução mais equilibrada, haverá demissão", afirma.

DEMISSÕES

Em maio, para cada 100 mulheres empregadas,

23,7

foram demitidas.

Entre os homens, o número foi de

17,6

para cada grupo de 100

Operário tem férias forçadas

Pelo menos 21.700 operários da indústria automobilística tiveram ou terão férias antes do tempo em virtude da queda nas vendas de veículos. Para as montadoras, o desaquecimento do mercado é resultado da combinação dos efeitos das crises argentina e de energia, que elevaram a cotação do dólar, a inflação e a taxa de juros. A Ford oficializou ontem a antecipação de 14 dias corridos — dez dias úteis — de férias para 3.000 funcionários da fábrica de São Bernardo do Campo, na região do ABC paulista. Cerca de 8.000 veículos devem deixar de ser produzidos durante as férias coletivas da Ford, que vão de 23 de julho a 3 de agosto.

A decisão de dar férias coletivas a seus funcionários segue a de outras montadoras este mês: Honda, Fiat, Volkswagen, Honda, Toyota, e Mercedes-Benz. Na semana passada, a Volkswagen anunciou a antecipação de dez dias de férias para 8.000 funcionários da unidade de São Bernardo. Foi o maior anúncio de férias coletivas (em número de funcionários) feito nos últimos tempos, desde que as montadoras tiveram de adequar a produção às novas condições de mercado. Levando em conta todas as férias anunciadas desde o início do plano de racionamento de energia, em junho, 21.700 trabalhadores do setor automotivo tiveram ou terão descanso fora do tempo programado.

Balanço feito pela Anfavea (Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores) mostra que o estoque de veículos nas concessionárias e fábricas no último dia de junho somava 194,135 mil unidades, quantidade equivalente a 45 dias. O resultado mostra um aumento no volume de estoques em relação a maio, quando havia 181,582 mil carros em estoque, suficiente para 37 dias. O aumento do estoque é resultado da queda nas vendas. Segundo dados da Anfavea, as vendas de veículos no varejo caíram 12,5% em junho: foram 127,9 mil unidades vendidas contra 146,2 do mês anterior.